

# ENTRE A CASA E A RUA: UMA ETNOGRAFIA DE SABERES NO ASSENTAMENTO BELA VISTA DO CHIBARRO – ARARAQUARA-SP

Thauana Paiva de Souza Gomes<sup>1</sup>  
Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como proposta de análise a transferência dos saberes não oficiais, mitos, lendas, crenças e gestos nos assentamentos da região de Araraquara, buscando discutir os aspectos da vida cotidiana que interferem nas relações simbólicas desta população que tenta se reorganizar após conflitos internos gerados por parcerias com agroindústria. Através dos depoimentos de diversos atores, incluindo crianças, responsáveis por festas, pioneiros dos assentamentos, procuraremos analisar a importância da transferência destes saberes tradicionais transmitidos de gerações a gerações como forma de identificação e resistência na terra.

**Palavras-Chave:** Assentamentos Rurais; Sociabilidade; Saberes Não Oficiais.

*Abstract: This paper will present an analysis on the transfer process of non-official knowledge, myths, folklore, beliefs, and attitudes within the settlements located in the region of Araraquara, attempting to debate the aspects of the daily life that mediate in the symbolic relationships of these people that make great efforts to recover their structure after a stage of internal conflicts generated by partnerships with agro industries. Through the statements from several actors, including children, people responsible for the planning and organizing of festivities, and the pioneers of the settlements, we seek to analyze the*

---

<sup>1</sup>Mestranda do programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Unesp de Araraquara e Pesquisadora do Nupedor.

<sup>2</sup>Coordenadora do Mestrado de Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Uniara.

*importance on the extent of this traditional knowledge diffusion which is transmitted across generations as an identification and resistance method to stay in the land.*

**Keywords:** *Rural Settlements; Sociability; Non-official Knowledge.*

## **Introdução**

Este trabalho é fruto do projeto de mestrado e das pesquisas desenvolvidas pelo NUPEDOR, Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural<sup>3</sup> que há 21 anos acompanha os assentamentos da região de Araraquara. Atualmente o núcleo conta com o apoio do CNPq aos projetos Assentamentos Rurais e Desenvolvimento; tensões, bloqueios e perspectivas (uma análise comparativa em duas regiões do Estado de São Paulo) e Relações de Gênero e iniciativas de outro modelo de desenvolvimento: análise da participação das mulheres em assentamentos rurais.

Dentro destes projetos os pesquisadores envolvidos desenvolvem eixos temáticos que compõem um caráter multidisciplinar. O eixo que será desenvolvido neste trabalho relaciona-se a uma trajetória de pesquisa no Assentamento Bela Vista do Chibarro, que esteve ligada às formas de sociabilidade e relações simbólicas entre os assentados. Este acompanhamento norteou a necessidade do levantamento de uma etnografia dos gestos e saberes não oficiais que fazem parte da vida cotidiana deste grupo e do repertório de formação e composição dos conhecimentos relacionados à terra.

## **A Chegada ao Tema**

Na atualização do perfil dos assentados feitos em 2005-2006, a questão das relações extra-oficiais e subjetivas era muito presente no discurso dos entrevistados. Estas falas foram registradas em diários de campo com o objetivo de mais tarde retomá-las. Um fator bastante relevante que intrigava, era a forma como as informações e costumes eram passados para as crianças através dos gestos: como lidar com a criação, com o pomar, com o excedente. Gestos, falas, expressos não através da racionalidade técnica, mas através do fazer, do agir e observar.

A menina aprende a fazer a comida, o doce, o pão, não pelo caderno de receitas

---

<sup>3</sup>O núcleo desenvolve pesquisas nos assentamentos da região de Araraquara e tem suas instalações no Centro Universitário de Araraquara.

da mãe, mas observando as colheres, o mexer da panela e a pitada do ingrediente que não são reveladas na objetividade do papel.

Entre um "bom dia e boa tarde" no caminho do terço, na reunião da escola, no jogo de futebol, nas organizações festivas sempre se encontrava uma roda de pessoas que entre uma palavra e outra se lembrava de uma simpatia ou de uma lenda que servia ora de ajuda, ora de metáfora, na lingüística do grupo.

No entanto, o cenário característico apresentado nos questionários levou-nos a investigar as respostas constantemente pontuadas pelos assentados sobre o esgarçamento das relações sociais e a falta de reconhecimento das tradições dos assentados por parte dos jovens. Levantou-se, então, a possibilidade de que a permanência/ não-permanência e identificação dos jovens com os P.A. estavam ligadas a problemas de perda da sociabilidade local, causada por frustrações: políticas, como a descrença em órgãos gestores; econômica, após a inserção de projetos agroindustriais; sociais, como o choque de valores entre rural-urbano, influenciado pelos meios de comunicação de massa.

Tal hipótese se intensificou em junho de 2007 quando do ápice da ruptura entre favoráveis a parcerias agroindustriais e não favoráveis, movimento que levou à invasão de alguns lotes do assentamento, por parte de alguns plantadores de cana, como forma de exigir a vinculação dos que não plantavam. Tal situação resultou no choque da polícia não, com alguns assentados, mas com o assentamento. Foi uma faxina, segundo os policiais<sup>4</sup>.

Ninguém sabia ao certo o que havia acontecido, se o motivo da polícia ter ido ao assentamento era por conta de processos judiciais de alguns assentados, se por conta da cana ou se era por motivos ilícitos, não conhecidos.

O desenrolar da cena foi que, no Bela Vista, as parcerias agroindustriais possibilitaram um alastramento da produção de cana-de-açúcar dentro dos lotes e a diminuição da diversificação de culturas, o que permitiu que alguns produtores com processos judiciais antigos fossem novamente processados por não estarem de acordo com a legislação vigente. Assim, cerca de 11 famílias foram desapropriadas e outros que não tinham processos jurídicos antigos, mas que também plantavam cana em grande parte do lote, foram, aos poucos, sendo obrigados a desistir da parceria, já que não havia saída. Melhor explicado, os assentados em desacordo com a política de terras de Reforma Agrária também teriam de responder a um processo. Neste contexto de "vai e vem de parcerias", as pressões por parte do

---

<sup>4</sup>Estas informações foram retiradas de caderno e campo de uma assentada e pesquisadora do núcleo.

INCRA e da FERAESP foram aumentando, as relações de conflito permanecendo à flor da pele e as relações interpessoais cada vez mais diluídas.

Mas o que restou desta data foram fragmentos de conversas, cacos de sociabilidade e de afetividade. A tensão tomou conta do assentamento e as pessoas deixaram de frequentar o âmbito público e se restringiram ao particular. Neste momento, tudo que se relacionava à rua era visto como perigoso, um campo minado.

Diante deste contexto, o rompimento entre os assentados se expressou na interrupção das diversas formas de expressão coletiva como a festa junina que durante dezesseis anos consecutivos fora comemorada pelo grupo. A festa renovava os elos do grupo, a partir da dinâmica da vida social e política, através da valorização dos alimentos produzidos e distribuídos, da cobrança aos políticos, da elevação do espírito comunitário e do reviver dos saberes populares (GOMES, 2005).

O fazer dos doces, dos bolos, a arrecadação dos alimentos, as conversas informais na hora da arrumação e decoração da festa, no mutirão, que se transformavam em histórias, credences e lendas passaram a ser substituídas por relações de desconfiança e sensações de insegurança.

A interrupção da festa junina que tomava o ambiente escolar para a própria organização revelou que tal situação deixou o espaço da rua e invadiu a escola, antes considerada como ambiente de discussão e decisão comunitária, um lugar neutro onde as pessoas podiam discutir e deliberar melhorias para a comunidade sem determinação política ou posição pessoal (GOMES, 2006).

Assim, a retração de ações coletivas contribuiu para o "esgarçamento" dos laços entre os indivíduos e para a "invisibilidade" da transmissão de saberes. Os lugares de sociabilidade deram lugar a uma característica mais individualista, o que tem provocado esquecimento das crenças, dos mitos e das lendas por não serem repartidos e renovados por parte das gerações mais velhas para as mais novas.

## **O Estudo dos Saberes e Gestos**

Marcos Cezar de Freitas (2005) apresenta em artigo do livro "Pensadores Sociais e História da Educação" um estudo sobre as imagens e detalhismo do Brasil colonial na obra de Gilberto Freyre (Casa grande & Senzala). Freitas revela ser possível fazer uma história da educação a partir do inventário de gestos "que são interiorizados e convertidos em rituais de corpo observáveis em muitas gerações, depois nas pequenas minúcias (...) ou nos gestos típicos dos homens" (p.171). Segundo ele, o inventário dos saberes e gestos pode ser considerado utilíssimo no sentido de representar costumes que sobrevivem a uma temporalidade, dando pistas para os pesquisadores e novos indícios para (re) olhar o que não

está no saber oficial, burocrático, mas naquele que se encontra nos gestos, expressões e falas. No caso aqui definido, para um saber que vem da casa, do lote e da rua.

Assim sendo, a importância desta sabedoria, herdada, ainda que permeie o âmbito escolar, chega até a porta, mas na maioria das vezes, não entra na sala de aula. É parte integrante do que faz o assentado se relacionar com que é próprio da terra e o que cotidianamente o faz reorganizar sua vida e suas funções na sociedade. Ainda que marginalizado, este conjunto de saberes permeia o viver do assentamento.

O estudo realizado sobre a sociabilidade nos mostrou quão relevantes eram os espaços coletivos na vida do grupo justamente para regular estas funções na sociedade. Um bom exemplo para se verificar a transmissão destes saberes está em registro de campo do dia 7/05/09 que mostra a importância da troca de informações:

"o senhor (Agrício) amassando uma folhagem deu para eu cheirar e disse que era uma planta que servia para renite-alérgica e que havia ganhado uma muda do colega do assentamento que também tinha problemas respiratórios, e acrescentou: "você amassa bem e depois põe água quente, é amargo, mas é bom!" (diário de campo de 07/05/2009).

Os saberes gestuais saltam o limite da casa para o espaço da rua quando entre uma prosa e outra se trocam informações sobre plantio, mudas e conhecimentos de ervas medicinais.

Assim sendo, neste processo de análise, o resgate memorial das lendas, dos mitos e dos gestos que compõem este ambiente desde o início do assentamento, pode ser entendido como forma de compartilhamento de símbolos que são traduzidos cotidianamente através das trocas. Como destaca Levi Strauss, a mensagem inconsciente de um mito (crença) corresponde ao conteúdo consciente e ao problema que tenta ser resolvido através de um conflito (STRAUSS, 1976, p.11). Este conflito relaciona-se ao universo físico e simbólico que constituiu o universo do homem. E este universo é composto de fatos e percepções: lógicos, conceituais e imaginários que compõem um repertório de crenças e sentimentos que explicam-se por situações não racionais como fé, mito e crença.

Entender e fazer parte deste repertório oferece um sentido de satisfação para quem faz parte dele, significa compor um universo de significados que só entende quem se relaciona e troca através da reciprocidade relações mais íntimas entre os

participantes da sociedade; sejam entre vizinhos, parentes que trocam favores, professor e aluno ou entre os mais velhos e os jovens (SIMMEL, 1997).

A transferência dos saberes não oficiais, a cada movimento se modifica, mas se mantém enquanto elementos agregados, revelando ao ouvinte sentimentos e expressões mais íntimas de quem emite a mensagem. Em sentido amplo, significa esperar a retribuição pelo ato solidário. Ainda mais, significa a manutenção de hábitos adquiridos ao longo da história do grupo (MAUSS, 1950).

A noção de coletivo brota do cultivo da memória e da compreensão do sentido da história e da percepção de ser parte dela, não apenas como resgate de significados, mas como algo a ser cultivado como a continuidade de lendas e de sinais típicos. A memória coletiva é fundamental para a construção de uma identidade, cultivar a memória é mais do que conhecer friamente o próprio passado é levá-lo ao presente e sentir-se parte dele (CALDART, 2000).

Na reconstrução de memória coletiva, os mais velhos criam laços e valores e práticas específicas que serão transmitidos posteriormente aos filhos e netos em espaços de troca não apenas objetivos, mas principalmente subjetivos.

Em decorrência disto, o resgate detalhado da cultura imaterial, no assentamento Bela Vista se faz cada vez mais necessário, de forma a manter as características simbólicas do grupo. A transmissão de valores ligados à luta pela terra e à perspectiva de futuro na reforma agrária são mantidos e renovados por existirem tradições que são passadas para as novas gerações. E a valorização da rua dentro da escola deve ser tratada como parte integrante dos conhecimentos científicos e oficiais para que as crianças e também os adultos sintam-se parte do processo de reconhecimento na formação dos filhos e de certa forma do próprio assentamento.

A contribuição dos espaços de troca subjetiva se faz na aproximação do grupo para delegar prioridades de melhoria dos assentamentos e pressionar o poder público e ainda poder passar aos mais novos, costumes e crenças locais, para que não se percam no caminhar da história.

## **A "Letransmissão" - Lendas em Falas**

Neste ano de 2009 foram levantadas informações de pesquisa com 135 famílias dos assentamentos Bela Vista e Monte Alegre com o intuito de aprofundar o perfil realizado em 2005/2206 pelo Nupedor, bem como entender melhor lacunas da pesquisa anterior. Para ilustrar bem a importância das histórias lendárias e as crenças no assentamento foram levantadas todas as respostas que indicavam o conhecimento de lendas, mostradas no quadro abaixo:

## Quadro 1. Mitos e Lendas no assentamento:

<b>Crenças e Mitos no assentamento</b>
1 – luz do bem
2 – a mulher de branco
3 – homem que pega carona na garupa da moto
4 – a cerca misteriosa
5 – estrelas que desapareciam, disco voador
6 – homens sem rosto
7 – almas do além
8 – negão da carona
9 – bola de fogo

Em visita a um assentado pioneiro do Bela Vista, muito carinhosamente conhecido como Senhor Pedrinho, com 92 anos, em um levantamento de sua história de vida ele revela ter visto em uma noite clara de lua - cheia uma bola de fogo sair da plantação de eucalipto vir até a sua frente e depois desaparecer. Com suas palavras:

"A bola de fogo saía daqui dessa baixada do lote e ia subindo lá no cruzeirão, quando ela subia dava aquele estouro... aí descia e caía atrás da mata dos eucalipto, eu andei vendo umas duas vezes, quando ia pro lote lá perto do cerradão (...) tudo a noite, depois da 7 ou 8 horas da noite. Então quando ela saía lá do meu lote e quando eu tava voltando eu sempre via" (entrevista feita em junho de 2007).

A história contada pelo assentado é reafirmada em outras conversas no assentamento. Tal fato remete a uma concepção de algo sobrenatural que faz parte do cotidiano do assentamento.

Em uma conversa informal com dois assentados sobre um projeto de embelezamento do assentamento, Silvani, uma jovem assentada, nos revelou através de indicações no mapa do Assentamento Bela Vista que o casarão antigo, construído no início quando a fazenda era produtora de café, tinha túneis submersos que ligavam o lote de uma assentada ao casarão. Segundo ela:

"diz à lenda que era para os escravos passarem, e chegar até as plantações de café". Acrescentou ainda que, muitas pessoas dizem conhecer o local, no entanto, nunca nenhum assentado entrou para saber onde chega o túnel. No entanto, tal história serve de motivo para alguns homens e garotos se firmarem perante um discurso masculino

de que fará o trajeto para descobrir onde fica, logo, completam: "mas assim que tiver tempo" (diário de campo de 22/04/09).

Nas imagens abaixo do Bela Vista podemos observar a Agrovila na Imagem 1 possível rota do túnel submerso e na imagem 2 localização exata do Casarão:

**Imagem1.** Agrovila do assentamento Bela Vista.



**Imagem 2.** Casarão antigo.



Outra história muito recorrente é a do "homem do saco" também registrada em caderno de campo a uma visita no Bela Vista:

"O senhor Elias disse ter visto em uma noite de cerração por volta da 1 hora da manhã um barulho em frente a sua casa. Ao levantar-se caminha até a porta, ao abri-la vê um homem com roupas sujas e rasgadas e cabelos despenteados com um saco nas costas. Os cachorros latiam, segundo ele, o acompanharam com o olhar até que não o pudessem ver na estrada, foi então que ouviu um assobio tão alto que pôde ser ouvido nos quatro cantos da agrovila" (Diário de campo Alessandra Teodoro 06/10/08).

Além das lendas podemos indicar nos gestos uma fonte indispensável de recriação das ações cotidianas, que apenas são conhecidas quando se observa e participa destes atos, como verificado no diário de campo do dia 19/05/09:

"Quando chegamos ao lote do senhor Alvino, logo vi a plantação de abacaxi. Perguntando a ele se dava muitos frutos ele respondeu: "isto é como praga...como você pode observar neste ramo aqui tem 5 mudas, elas devem ser arrancadas e para plantar você não pode fazer um buraco, tem que bater o facão assim (mostrou-me com uma facada na terra) e colocar a muda e juntar a terra. Se não fizer desta forma demora 2 anos para dar o abacaxi"" (Diário de Campo).



**Foto3.** Alvino mostra como deve plantar abacaxi.

As informações oferecidas por este assentado mostram que as ações típicas se aprendem com a experiência dos gestos e estes interferem inclusive na maior ou menor produtividade agrícola.

## A Escola e o Oficioso

Para tornar clara a transferência dos saberes não formais no espaço escolar, é necessário compreender que a escola do assentamento Bela Vista – Emílio Pagotto na sua proposta político-pedagógica se aproxima dos Parâmetros Curriculares voltados a uma educação do campo.



**Foto 4.** Escola Municipal do Assentamento Emílio Pagotto.

Esta proposta é balizada em discussões de educação que defendem o direcionamento da educação com ambiente local como forma de resistência às adversidades do rural. Arroyo apresenta esta discussão levando em conta os direcionamentos atuais das políticas econômicas: "com muita lucidez os movimentos sociais do campo desconfiam que seus direitos à educação, ao conhecimento, à cultura, aos valores, às formas de sociabilidade sejam deixados por conta de políticas "modernizadoras", inspiradas no negócio, no lucro privado e na destruição da cultura camponesa... a educação é diretamente afetada na medida em que se desenraizam os povos da terra, da cultura e das formas de produção" (Arroyo, p.96, 2004). O autor ainda salienta que a defesa por políticas e projetos educacionais direcionados para o campo traz a defesa da cultura, da identidade, dos saberes e dos valores locais (Arroyo, 2004).

É importante destacar ainda que uma proposta educacional de formação do ser humano, da produção do conhecimento, dos valores e de sua socialização são inseparáveis das formas de produzir sua existência.

A escola considerada ambiente de troca social representa a reunião de valores locais que são passados para as crianças nos primeiros ciclos; permanecer no assentamento também passa a ser uma questão de identificação. Assim a escola deve

cumprir seu papel de transmissora de conhecimento científico e também de identificação/autenticidade da realidade local.

Paulo Freire (1996) em "*Pedagogia da autonomia*" salienta que umas das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições para que os educandos em suas relações uns com os outros, ensaiem a experiência profunda de assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador. Ele ainda acrescenta que a questão da identidade cultural, de que faz parte a dimensão individual e a de classe dos educandos é absolutamente fundamental na prática educativa.

Assim, valorizar os saberes que vêm do lote e da rua é fundamental para que, não apenas as crianças reconheçam nos conteúdos científicos ensinados pelos professores o não oficial, mas também que os pais dos alunos sintam-se parte formadora do conhecimento do filho.

Tal importância se observa pelo fato do nível de escolaridades dos pais das crianças não é alto. Na tabela 1, podemos verificar (de acordo com levantamento do perfil dos assentados realizados em 2005/2006 no Bela Vista) que cerca de 56,25% dos entrevistados, possuem apenas Ensino Fundamental completo ou incompleto.

**Tabela 1.** Nível de escolaridade do Pai.

Pai	Fundamental		Médio		Técnico		Superior		Analf.	Não soube/ não tem
	Com.	Incom.	Com.	Incom.	Com.	Incom.	Com.	Incom.		
Bela Vista	01 (6,25%)	08 (50%)	04 (25%)		01 (6,25%)					02(12,5%)
Monte Alegre	06 (13,4%)	21 (46,8%)	04 (8,9%)	01 (2,2%)	01 (2,2%)				08(17,8%)	04(8,9%)

Já na tabela 2 o nível de escolaridade das mães no Fundamental Completo ou Incompleto é superior a 70%, o que indica ainda mais a importância de valorizar o saber tradicional que as mães possuem.

**Tabela 2.** Nível de escolaridade da Mãe.

Mãe	Fundamental		Médio		Técnico		Superior		Analf.	Não soube/ não tem
	Com.	Incom.	Com.	Incom.	Com.	Incom.	Com.	Incom.		
Bela Vista	02 (12,5%)	10 (62,5%)	01 (6,25%)							03 (18,75%)
Monte Alegre	05 (11,15%)	24 (53,5%)	02 (4,45)	02 (4,45)	02 (4,45%)		01 (2,2%)	01 (2,2%)	04 (8,9%)	04 (8,9%)

## O Resgate da Memória: a Rua Invade a Escola

Dentro do processo de rupturas, foram criadas brechas para que houvesse uma retomada e valorização de costumes, do que é típico do lote e da rua, por um grupo de jovens assentadas, estudantes de Pedagogia da Terra que através de um Projeto intitulado Pé Vermelho, estão desenvolvendo alternativas para retomada das festas e dos saberes tradicionais. Esta iniciativa começou quando oito meninas do Bela Vista e uma do assentamento de Pradópolis foram fazer um curso de Pedagogia da Terra oferecido pelo PRONERA em parceria com outras instituições. Ao término do primeiro módulo do curso as meninas deveriam entregar como trabalho de conclusão a história do assentamento em que viviam. Ao pesquisar a história, tanto em livros como em conversas com os pioneiros do Bela Vista ficaram encantadas com tudo que viram e escutaram.



**Imagem 5.** Reunião do Pé Vermelho.



**Imagem 6.** Grupo integrante do Pé Vermelho.

Neste caminho de resgate da história do assentamento, procuraram a diretora da escola "Emílio Pagotto", a diretora por sua vez dando algumas informações às garotas, em um desabafar, disse que o que ela mais queria para o Chibarro era que ali ficasse cada vez mais bonito. Então, tocadas com todas aquelas informações, resolveram se juntar para montar um projeto de embelezamento. Convidaram um grupo de pessoas que pudessem apoiá-las e fizeram uma reunião. Tal reunião foi um marco no que consideramos o elo de retomada do que estava rompido. Em anotações de diário de campo, uma das meninas diz: "Pareceu uma retomada da unidade, que antes não ocorria. A reunião remeteu a um passado bom" (Diário 28/03/09).

Diante desta iniciativa o grupo foi recrutando pessoas e criando corpo, promovendo no assentamento manifestações culturais com o objetivo de retomar a história e cultura local. Foi batizado de grupo Pé-Vermelho que remete ao orgulho pela terra. Melhor expresso em anotações de diário de campo:

"Silvani lembrou que este projeto nasceu com uma idéia de embelezamento do assentamento, que mais tarde vai ser transformado em resgate da memória oral, e intervenções culturais, como o que ocorreu e envolveu toda a turma do assentamento. Outra idéia bastante importante salientada é que o nome Pé vermelho nasce como forma de valorizar o termo que antes era pejorativo, já que terra não é sujeira é vida, como lembrou Reginaldo" (Diário de Campo dia 28/03/09).

A partir dos encontros periódicos concluíram que a melhora forma de mobilizar as pessoas para se juntar era fazendo algo prático. E a primeira ação que marca este projeto, como salientado acima, é uma Noite Cultural. Conseguiram reunir os tocadores e fizeram um lanche coletivo remetendo à fartura das festas Juninas. Uma das meninas lembra: "teve presença dos mais jovens e mais velhos e contou com a parceria do INCRA para fazer e levar os convites em cada lote do assentamento" (Diário de Campo dia 28/03/09).

As reuniões que se seguiram deram voz cada vez maior ao que vinha da rua, as pessoas que se indagavam sobre o cotidiano no assentamento. Os saberes não oficiais passaram a fazer parte de uma agenda do grupo através de um projeto de resgate das histórias orais de pessoas mais velhas. O ambiente escolar voltou a funcionar como centro de reuniões e decisões.

A proposta de retomada da festa segue a todo vapor, inclusive já com comissões para arrecadação de alimentos, organização da decoração, dos equipamentos necessários. O empenho dos adolescentes é grande, ineditamente traduzido na eleição de uma princesa da Festa Junina e na apresentação de duplas e grupos musicais do próprio Bela Vista.

O que tudo indica é que a Festa retomará seu curso original mostrando que as experiências coletivas contêm significados simbólicos e ritualísticos, ligados a uma tradição que resgata a memória coletiva. Memória esta que embrenhada com a dos outros, em conjunto com as lembranças recordadas são pontos de julgamento comum entre a coletividade (HALBWACHS, 1990).

O fazer e o organizar da "festa instauram uma transformação, não só na rotina da vida da sociedade local, como na própria vida de seus participantes" (BRANDÃO, 1978, p.49). É como se os comprometidos com a festa se tornassem um corpo único, que só possui valor na situação da festa e nos rituais que ela contém. Em sentido amplo "investe-se um capital emocional em ocasiões festivas. Muitos dias de trabalhos e dieta escassa são compensados pela expectativa (ou lembrança) dessas ocasiões, quando a comida e a bebida são abundantes, os

namoros florescem e todo tipo de relação social que estava esquecida retoma a vida" (THOMPSON, 1998).

Finalmente pode-se dizer que a luta deste grupo jovem ligado à Pedagogia da Terra para a reforma o embelezamento e resgate da memória do P.A. Bela Vista pode significar o reavivamento dos elementos da memória grupal, representando simbolicamente a vontade de retomada dos espaços dos assentamentos. É permitido que, de um lado, os jovens que não se interessavam pelo o que era da casa, do lote, e da rua retomem o interesse e, do outro, revivam as tradições e saberes passados pelos mais velhos, possibilitando o encontro entre o conhecimento oficial e popular.

## Referências

ARROYO, M.G. (Org.) **Da Escola Carente à Escola Possível**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. Por um tratamento público da Educação do Campo. In: MOLINA, M.C.; JESUS, S.M.S.A. **Por uma Educação do Campo**: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo. Brasília/DF: Articulação Nacional "*Por uma educação do campo*", 2004, p. 13-52.

BENJAMIN, C. (Orgs.) **Projeto popular e escolas do campo**. Brasília: Articulação nacional para uma educação no campo, Coleção Por uma educação básica no campo, 2000.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras: 1994.

BRANDÃO, C.R. **Os deuses do povo**: um estudo sobre religião popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CALDART, R.S. A Escola do Campo em Movimento. **Contexto & Educação**, Ijuí, v.15, n.58, p.43-76, abr./jun., 2000.

DURKHEIM, H. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FREITAS, M.C. Fazer história da educação com Gilberto Freyre: chegadas para pensar o aluno com os repertórios da antropologia. In: FARIA FILHO, L.M. (Org.) **Pensadores Sociais e História da Educação**. 1ª ed. Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2005, p.167-185.

FERRANTE, V.L.S.B. (Org.) **Retratos de Assentamentos**. Araraquara, números: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9. Nupedor, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. F.C.L.-Unesp, Uniara.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 23ª Ed., 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 23ª Ed., 1996.

GOMES, T.P.de S. Um estudo das relações sociais e políticas do assentamento Bela Vista de Araraquara através da festa junina. Simpósio Impasses e Dilemas da Política de Assentamentos, 2005, Araraquara. In: **Anais...**, Araraquara, de 28 a 30 de setembro, 2005. CD-ROM.

\_\_\_\_\_ Sociabilidade x Conflito: projetos de assentamentos na região de Araraquara. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2006, Goiânia. In: **Anais...**, Goiânia-GO, junho, 2006. CD-ROM.

\_\_\_\_\_ Do cotidiano ao futuro dos assentamentos: alternativas, reivindicação e permanência. Simpósio Nacional Reforma Agrária: Balanço Crítico e Perspectivas, 2006, Uberlândia. In: **Anais...**, Uberlândia - MG, maio, 2006. [www.simposioreformaagraria.propp.ufu.br](http://www.simposioreformaagraria.propp.ufu.br)

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

ITANI, A. **Festas e Calendários**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

JESUS, S.M.S.A (Org.) **Por uma Educação do Campo: Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília: Articulação Nacional "Por uma educação do campo", 2004.

KOLLING, E.J. (Org.) **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: Articulação Nacional "Por uma educação do campo", 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

\_\_\_\_\_. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Tempo Brasileiro. 1976 a.

\_\_\_\_\_. **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1976 b.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a Dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1950.

SIMMEL, G. Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1997.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**: estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

WHITAKER, D.C.A. **Sociologia Rural**. Questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau/SP: Letras à Margem, 2002.